

# Nhampessopesso

## I

Não digo exactamente que a minha velha mãe tenha toda a razão. Mas uma coisa é certa: ninguém passa a vida a falar só coisas sem razão. E a velha tem muita razão, muita muita se se tratar do Quito, o meu mano mais novo.

A-propósito: em que rota giravam as coisas quando a velha começou a chatear-se maningue com tudo isto? É que — fantasmas me comam se estou a mentir! — já só tenho só uma pequena ideia na cabeça de como estavam as vestes dos «últimos gritos» de então, quando ela e outras senhoras idosas e mais outras não idosas começaram a queixar-se da vida dos jovens, a falar que era «embirante e cínica» a forma como essa gente nova e não só, andava vestida.

Até porque durante algum tempo, eu já estava mais crente que duvidoso de que a velha tinha deixado de «chicotear» as pessoas de cada nova «moda» que surgia, quando, ainda anteontem, ela irrompeu pela sala de jantar adentro, com as capulanas a caírem uma a uma e ela quase a cair, nervosa e aguerrida. Estava a açoutar o mano Quito, lá da varanda onde os dois estavam a apanhar ar fresco, por causa do Quito ter exactamente posto uma «chapa» que nem eu sei para que era, num par de calças de caqui, ainda novinhas em folha. Não era que as calças estivessem rotas ou quê, não... É que essa é a maneira do meu mano se incluir em cada «último grito» de cada época: acrescenta ou subtrai

qualquer coisa das suas roupas, em particular das calças. (Ainda chegará um dia em que vou rebentar de tanto rir por causa disto, juro!)

«Mas, vocês, digam-me só: como assim, heim? E o quê maneira de viver dele, assim? Sim, me digam só: quando uma pessoa vai ali na baixa ou está no machimbombo até não parece que outra gente que encontramos é maluca ou quê, heim?! Tsá!... E você t a m b é m Quitó a querer-me fazer vomitar as hortaliças por causa dessa po... Arr!»

## II

E então, sábado passado, fiquei maningue contente com a chatice que a velha teve. Oh, senhores, não imaginam mesmo... Foi por causa da Irene. Essa é a namorada do meu primo Manél. Ele, o «dono», costuma chamar essa Irene mesmo por «sócia».

Foi assim:

Cerca das dezanove e tal. O Quito — ah, esse... — está no seu quarto. Então quando eu entro lá, encontro-o com tesouras, lâminas e não sei mais o quê, nas mãos. Sobre a cama, escangalhadas, «jazem» umas calças «jeans» — nunca ninguém em casa soube onde é que ele as arranjou. Vendo-me assim curioso, ele apressa-se esclarecendo: «é pá, tou p'a vé se tiro esta s'tória de bolsos das traseiras das «gajas» (refere-se às calças) e cosê-los aqui nos Joelhos». Quito nota-me logo um sorriso fictício, forçado, mas não se poupa a esforços e, em jeito de remate, diz: «ya, maninho, isto que tou p'a fa-



zer chama-se «à cooperante, mordeste essa?».

Quando tento dizer «ouve lá, a velha é capaz de...» sou interrompido pelo toque da campainha.

«Trrii... trrii... — exactamente: é ele mesmo, esse meu primo Manél, com a «sócia», a Irene. Bom, claro: saudações calorosas e tal e... um minuto de silêncio, nós a olharmos para eles assim todos transpirados: é que já vão meses e meses que a gente tem de subir e descer nove pisos, porque o elevador... (Nem me apetece tocar no assunto).

Então depois ao jantar observo a velha olhando assim para a namorada do primo Manél, daquela maneira de olhar para uma pessoa com os olhos enterrados nas suas próprias covas, como fazem as cobras e os camaleões. Claro que eu entendi logo o que se estava passando.

Como o que depois aconteceu foi não me ter apetecido ir com eles ao cinema (eles foram ver, pela terceira vez, o «RITMO DA FELICIDADE»), fiquei na varanda, mandando para o ar uns sons quase inaudíveis da minha guitarra, tentando imitar Alexandre Langa a cantar «PARECE GALA-GALA»: era só para «aguçar» a chaticice da velha. Então, comecei por

ouvi-la falando sozinha, lá na cozinha, em voz baixa, que foi crescendo à medida que se aproximava da sala.

«Hã, hã, tsá!... eu só quero ver. Quero ver as mulheres que vocês me vão trazer p'ra 'qui! Esse Quito se me trazer uma nhaminham-nham assim, não, isso há-de ser problema mesmo. «Nhampessopesso» aqui, dizer-me sóogra, sóogra, quê-quê, hum! Me digam mesmo: onde já viram uma pessoa que passa a vida a mastigar, parece mesmo porco, hãm?!»

O que mais aborreceu a velha foi mesmo a pastilha elástica que a Irene passou a vida a mastigar. Então tudo isso somado àquelas vestes, já imaginam. Mas como estava vestida a «sócia» do primo Manél, ná? Vejamos: parece-me que o que a cobria o tronco era uma espécie de avental que corria até ao umbigo, mas deixando as costas à vista de todos os olhos, incluindo os de um cego. Trazia ainda uma saia maningue apertada, muito muito nos joelhos. É talvez, por isso, que ela a escancarou a trás e à frente, até cerca de um palmo e meio para cima do joelho.

Nessa noite, é verdade, a velha Rassicane dormiu mal-disposta.

Tomás Vieira Mário